

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DO APOCALIPSE



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO
DOCTRINA CATÓLICA**



LIVRO DO APOCALIPSE

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS

pixabay.com.br

pt.wikipedia.org

SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO APOCALIPSE	5
Autor e data de composição	5
Quem é o autor do Apocalipse?.....	5
Data de composição	6
Mensagem teológica do Apocalipse.....	7
I - Temas teológicos gerais.....	7
Deus.....	7
Cristo	9
O Espírito	12
A Igreja.....	12
II - Temas gerais específicos	14
A escatologia.....	14
Teologia da história.....	14
A Igreja purificada discerne a sua hora	15
Esquema do Apocalipse	17
Mensagem e atualidades do Apocalipse	18
Cenas do Apocalipse.....	19
Síntese	23
Conclusão.....	23
ESTUDO DO LIVRO DO APOCALIPSE.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO APOCALIPSE



“Apocalipse” é a palavra grega que significa “revelação”. O título “Revelação” que aparece no início do livro o situa no gênero literário apocalíptico. Esse gênero literário é próprio das épocas de perseguição em que se procura “revelar” os caminhos de Deus sobre o futuro para consolar e encorajar os justos perseguidos, dando-lhes a certeza da vitória final. Era muito comum no fim do Antigo Testamento. No prólogo do livro aparece, junto com o termo “Revelação”, a expressão “o que deve acontecer em breve”. O Apocalipse apresenta-se, portanto, como uma síntese nova entre o apocalíptico e o profético. O Apocalipse apresenta-se como um escrito enviado às igrejas e destinado a ser lido, ouvido, interpretado na assembleia litúrgica. Na vivência da assembleia litúrgica, o Apocalipse torna-se profecia.

Autor e data de composição

Quem é o autor do Apocalipse?

Será possível dar um nome a essa personalidade tão original? Ainda hoje o problema é antigo e muito controverso. As várias soluções propostas não serão contempladas aqui. Vamos nos limitar à teoria antiga, até hoje ainda a mais aceita pela maioria dos católicos.

O autor do Apocalipse é o apóstolo João, autor do quarto evangelho e

cuja opinião prevalece no campo católico, entre autores os quais podemos recordar Allo, Braun, Feret, Feuillet, Gelin, de la Poterie etc.

A tradição histórica na Igreja primitiva concordava em atribuir o Apocalipse ao apóstolo João. Desde o século II podemos enumerar exemplos muito expressivos.

Justiniano fala na “revelação” (apocalipse) do apóstolo João (PG, 9, 669).

Irineu usa várias vezes a mesma expressão: “João, discípulo do Senhor, no Apocalipse...” (PG, 7, 1040; 1068; 1192).

Clemente de Alexandria, introduzindo uma citação, afirma: “Como diz João no Apocalipse” (PG, 9, 328). Em outro trecho recorda o vidente de Patmos: “João, o apóstolo, depois da morte do perseguidor, retornou de Patmos a Éfeso” (PG, 9, 648).

Tertuliano fala do “Apocalipse de João” (PL, 2, 834).

No decurso do século III continua a tradição de se atribuir o Apocalipse ao apóstolo João, repetindo as expressões que encontramos no século anterior, vista agora em Orígenes, Hipólito, Cipriano... Aparece alguma voz dissidente, porém mais por motivos polêmicos ou linguísticos.

Data de composição

Quanto à data de composição, a Bíblia de Jerusalém, em sua última edição francesa (1998), afirma:

“Quanto à data de composição, admite-se bastante comumente que tenha sido composto durante o reinado de Domiciano pelo ano 95; outros, e não sem alguma probabilidade, creem que pelo menos algumas partes já estariam redigidas desde o tempo de Nero, pouco antes de 70.

Quer optemos pelo tempo de Domiciano quer pelo de Nero, é indispensável, para bem compreender o Apocalipse, recolocá-lo no

ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente”.

Mensagem teológica do Apocalipse

I - Temas teológicos gerais

Alguns termos gerais merecem destaque no quadro da teologia do Apocalipse. São comuns a todos os escritos do Novo Testamento, mas no Apocalipse constituem pontos de cristalização característicos que já lhe especificam a mensagem: Deus, Jesus, o Espírito, a Igreja.

Para cada um desses temas daremos um sumário analítico com uma síntese conclusiva.

Deus

Os elementos analíticos mais característicos ocorrem nos “títulos” dados a Deus.

Deus, sem outro acréscimo, é o título mais frequente (65 vezes); sugere o significado dado a Deus - *Jahwé*, Elohim... - no Novo Testamento, entendido, com frequência, genericamente, e que o contexto de algum modo especifica (cf. 1,1.9; 2,7; 5,6.9.10; 8,2.4; 9,13; 11,16 etc.). Tem toda aquela carga e profundidade de significado próprio do Antigo Testamento.

Senhor, Deus, Onipotente (1,8; 4,8; 11,17; 15,3; 16,7.14; 18,8; 19,6.15; 21,22; 22,5-6). Embora sem ser o equivalente fixo de “Senhor, Deus dos exércitos”, a expressão tem suas raízes no Antigo Testamento e se refere à energia divina que destrói todo obstáculo, empregada por Deus na história da salvação, especialmente em seus momentos cruciais.

Santo, dito de Deus (4,8; 6,10). Não é reservado exclusivamente nem especialmente a Deus; é também para Cristo (3,7), os anjos (14,10), os

cristãos (8,3.4; 11,18; 13,7.10; 14,12 etc.), é também Jerusalém (11,2; 21,2.10 etc.). Indica a “sacralidade” em geral. Santo, porém, é aplicado somente a Deus, em sentido exclusivo, embora ocorra somente duas vezes (15,4; 16,5); exprime a retidão suprema, a coerência consigo mesmo que Deus tem no desenvolvimento da história da salvação.

Justo, referido a Deus pessoalmente (16,5) ou a seus “caminhos” (15,3) e a seus juízos (16,7; 19,2). Indica a retidão de Deus que, aplicada à história, restabelece o equilíbrio perturbado entre bem e mal. É como o correspondente objetivo daquela retidão pessoal expressa pelo título.

Sentado (6,16; 7,10 etc.). Dito de Deus que está “sentado” sobre seu trono, indica seu domínio sobre tudo.

Pai de Cristo (1,6; 2,28; 3,5.21; 14,1). É um epíteto que ocorre sempre na boca de Cristo. Cristo é e se expressa como Filho do Pai, no sentido mais profundo do termo. Mas Deus, Pai de Cristo, é posto também em relação com os cristãos; eles são “sacerdotes para Deus, seu Pai” (1,6); Cristo reconhecerá seu nome “diante do Pai” (3,5); os fiéis têm em suas frentes “o nome do Pai, escrito” (14,1).

Deus meu, dito de Cristo (3,2.12 [3 vezes]). Exprime o relacionamento de pertença recíproca, real e efetiva, que ocorre entre Cristo e Deus.

Deus nosso (19,1.6; 21,3). Tem o valor de um apelo à Aliança, mas indica a tendência para um modo de pertença completa, que supera a Aliança (cf. 21,3).

Vivente (4,9.10; 7,2; 10,6; 15,7). Na linha do Antigo Testamento, indica Deus que, na plenitude da vida, supera todo elemento humano, toda limitação de tempo.

Recolhendo todos esses elementos analíticos em uma visão sintética mais geral, podemos afirmar que para o Apocalipse Deus é *aquela que é, era e virá* (1,8; 4,8; 11,17 e 16,5ss: que é, era), em sentido transitivo e

ativo no que diz respeito à história da salvação. Dominando tudo com seu poder, ele põe em movimento todo o processo salvífico, faz com que se desenvolva no tempo, aniquila mediante a contraposição dialética entre forças ativas e negativas, todo o mal, tanto moral como físico. Por fim, tirando todo obstáculo, poderá renovar tudo e quer estar com a comunidade salva, a Jerusalém celeste, quer com cada indivíduo um relacionamento de particular intimidade (cf. 21,7; 21,22ss).

Cristo

A cristologia do Apocalipse é particularmente rica e profunda, sem dúvida uma das mais elaboradas do NT. O autor tem sentido agudo de Cristo, não menor do que o tem de Deus.

Os “títulos” dados a Cristo e que permitem uma primeira panorâmica sobre o tema cristológico do Apocalipse são numerosos e muitos são característicos.

Jesus ocorre sozinho 9 vezes (1,9 e 19,10 [duas vezes]; 12,17; 14,12; 17,6; 20,4; 22,16). A frequência indica uma atenção especial ao Jesus histórico (Charles, Comblin), ou talvez melhor, a uma insistência no relacionamento com a pessoa.

Jesus Cristo (1,1.2.5; 22,21); *Cristo* (11,15; 12,10; 20,4.6). Indica, genericamente, a função messiânica; o contexto às vezes específico, e indica Cristo que, associado ao Pai, toma posse do reino.

Senhor, Rei (22,20.21); *Senhor* (11,8; 14,13; 22,20.21; 17,14; 19,16). O título tem por vezes uma acentuação litúrgica (cf. 22,20). Normalmente indica, especialmente na forma acentuada típica do Apocalipse (17,14; 19,16), a energia irresistível de Cristo aplicada contra as forças hostis.

Cordeiro. Fazendo seu um tema tirado provavelmente do Êxodo e do Dêutero-Isaías, o autor nos apresenta Cristo como o cordeiro pascal

redentor, morto (5,6.12), glorificado (5,6), que, vencendo, sobe ao trono de Deus (6,1.16; 7,9-11. 14.16 etc.). São 29 ocorrências.

Semelhante ao filho do homem (1,13; 14,14). Embora, substancialmente coincida com um título cristológico muito difundido nos evangelhos, não parece derivar deles, mas diretamente de Daniel (cf. Dn 7,13) e ocorre em um contexto de glorificação e de juízo no qual algumas características próprias de Deus no AT são transferidos a Cristo.

Verbo de Deus (19,13). É uma característica de Cristo, que lhe é dada com grande solenidade literária; indica a sua realidade transcendente, na perspectiva do prólogo do quarto evangelho, mas vista no contexto dinâmico da conclusão da história da salvação.

Filho de Deus (2,18). Cristo é chamado Filho de Deus no sentido mais pleno da palavra, assim como Deus é chamado Pai de Cristo.

O Verdadeiro (3,7; 6,10; 19,11). O título qualifica ao máximo o testemunho de Cristo.

O Santo (3,7). Indica a pertença especialíssima de Cristo à esfera própria de Deus.

O Vivente (1,18). Esse título próprio de Deus é dado também a Cristo com base na sua ressurreição.

O primeiro e o último, o alfa e o ômega, ditos de Deus (cf. 1,8; 21,6). Esses títulos são transferidos a Cristo que, em relação com o mistério pascal, é indicado como no início e na conclusão da série homogênea representada pela história da salvação.

Testemunha fiel (1,5; 3,14; cf. 19,11). Cristo é a testemunha fiel enquanto é uma atestação contínua, perfeita e plenamente crível de Deus e de seu projeto salvífico. Nesse sentido, Cristo é chamado no Apocalipse também o Amém (3,14; 1,7).

Príncipe dos reis da terra (1,5). O título indica a supremacia de

Cristo sobre todas as forças hostis a Deus, organizadas historicamente e chamadas precisamente “reis da terra”: 1,5; 6,15; 17,2.18; 18,3.9; 19,19; 21,24; as forças hostis se transformam radicalmente. O título ocorre também, reforçando Rei dos reis (17,14; 19,16), unido a Senhor dos senhores e exprime então a supremacia dinâmica de Cristo.

Leão da tribo de Judá (5,5). A expressão põe em relação a plena realização messiânica da descendência davídica (cf. 3,7: *aquele que tem a chave de Davi*; 22,16: *a raiz e a estirpe de Davi*) com a energia messiânica derivada do mistério pascal.

O primogênito entre os mortos (1,5). É o Cristo ressuscitado, primeiro de uma série de filhos de Deus ressuscitado.

Aquele que preside os sete espíritos de Deus (3,1). Indica a supremacia de Cristo também sobre os anjos superiores, aqueles que estão perante o trono de Deus (4,5). É uma supremacia dinâmica: Cristo envia os anjos-espíritos sobre toda a terra (5,6). Ou melhor, trata-se de Cristo que envia o espírito nas várias operações e aspectos que este assume na sua missão.

A estrela luminosa da manhã (22,16; cf. 2,28). Jesus ressuscitado é a estrela luminosa da manhã que, em perspectiva escatológica, “desponta no coração” (cf. 2Pd 1,19) dos seus fiéis.

Uma apresentação sintética da cristologia do Apocalipse aparece primeiro na “visão” inicial (1,12-20): morto e ressuscitado, dotado de todas as prerrogativas de Deus, vivo na sua Igreja e para ela, Cristo a tem na mão e a impele adiante energicamente. Ele, sobretudo, a julga com a sua palavra, purificando-a a partir de dentro (cap. 1-3), a ajuda a discernir sua hora, seu relacionamento com as forças históricas hostis. Vence-as juntamente com ela, tornando-a assim completamente esposa (cc. 4-21). Assim, Cristo sobe ao trono de Deus, prolongando na realização histórica da Igreja aquela que tinha sido sua vitória pessoal, obtida com a

ressurreição. Nesse sentido ele é, para o autor do Apocalipse, o Cordeiro, título característico da Segunda Parte.

O Espírito

A teologia do Espírito no Apocalipse apresenta-se com indicações sóbrias, descarnadas à primeira vista, mas que, recolhidas juntas, constituem um quadro particularmente interessante.

O Espírito, como em geral no AT, pertence a Deus, é sua prerrogativa: é o Espírito de Deus que está, na sua plenitude, diante dele (os “sete Espíritos de Deus”, conforme uma interpretação provável de 1,4; 4,5). O Espírito de Deus, na totalidade das suas manifestações concretas, como parece indicar também o complexo simbolismo de uma energia que parte da transcendência divina e opera no nível da história humana. É a energia que invade o autor do Apocalipse (cf. 1,10; 17,3; 21,10), que dá a vida da ressurreição (11,11).

O Espírito, a totalidade da energia divina transcendente, que vem em contato com a história humana, pertence a Cristo, que tem os sete Espíritos de Deus (3,1), o Espírito na sua totalidade e o envia sobre a terra (cf. 5,6).

Enviado sobre a terra, o Espírito se manifesta e age como pessoa, torna-se simplesmente o Espírito. Mas isso se verifica em contato com a Igreja: o Espírito revela (14,13), “fala” continuamente “às Igrejas” (2,7.11.17.29; 3,6.13.22), anima a Igreja no seu amor de esposa e lhe sustenta a esperança escatológica (22,6).

A Igreja

Deus revela-se, exprime-se em Cristo, testemunha fiel; Cristo envia seu Espírito que é recebido na Igreja: passa-se assim de Deus a Cristo,

ao Espírito, à Igreja, sem solução de continuidade.

O autor conhece e usa o termo *ekklesia*: que designa para ele a Igreja local, bem identificada na sua circunscrição geográfica (2,1 etc.). Mas fala também de “Igrejas”, no plural (cf. 22,16) e então o discurso torna-se geral. Não só: mesmo quando insiste nas determinações locais, exprime, mediante o número 7, uma totalidade generalizada: *as 7 Igrejas que estão na Ásia* (1,4.11.20) constituem o conjunto perene da Igreja, superando as concretizações espaço- temporais.

São características do Apocalipse algumas imagens que exprimem ou ilustram seu conteúdo de Igreja: a Igreja é uma totalidade litúrgica na qual está presente Cristo (os 7 candelabros de ouro: 1,20; 2,1); a Igreja terrestre tem uma dimensão transcendente (anjos das sete Igrejas; cf. 1,20, etc.); a Igreja celeste e terrestre ao mesmo tempo deve exprimir nas dores das perseguições o seu Cristo (a mulher envolvida de sol, cf. 12,1ss.). A Igreja é o conjunto do povo de Deus com toda a carga que esse conceito tem no AT, quer no estado de peregrinação, quer na situação final, é a Jerusalém terrestre (cf. cap. 11) e a Jerusalém celeste (21,1-22,5), está ligada a Cristo por um vínculo indissolúvel de amor, é a “esposa” (cf. 21,2.9; 22,17).

E é precisamente na união dessas duas imagens, cidade e esposa, que se realiza no fim do Apocalipse (21,1-2: “como esposa”; 22,14-15: a cidade- esposa) a síntese da eclesiologia do Apocalipse: a Igreja está ligada a Cristo por um amor que não deve cair de nível (cf. 2,4), que deve crescer até à intimidade familiar (3,20), vencendo todas as negatividades interiores; é o aspecto mais pessoal, que interessa a cada indivíduo; mas a Igreja é também cidade: tem um aspecto social, que se desenvolve na sua linha, vencendo as negatividades hostis exteriores.

Quando esse duplo processo, interno e externo, estiver ultimado,

então e somente então, se terá a síntese perfeita entre as duas: a Igreja, “santa”, “amada”, esposa e capaz de amar, será a cidade na qual não poderá entrar nada de contaminado.

Estaremos na fase escatológica final.

II - Temas gerais específicos

Alguns temas teológicos são específicos de Apocalipse.

A escatologia

A escatologia é um dos temas característicos do Apocalipse.

A insistência no tempo que passa e que não tem mais adiamento, as ameaças, o simbolismo das convulsões cósmicas, o desenvolvimento literário para a frente em direção a uma conclusão final etc., nos falam da escatologia.

No Apocalipse, o arco da história da salvação abraça explicitamente todos os tempos: o presente, o passado e o futuro; isso é expresso pela frase característica: “o que é e que era e que vem” (cf. 1,4.8 etc.). A expressão grega “o que é” do Apocalipse aparece escrita na auréola de todas as imagens orientais de Cristo.

Existe, no Apocalipse, uma tensão para um ponto de chegada final; aparece um ritmo de corrida veloz: “o tempo está próximo” (1,3).

A última seção se inicia quando chega o grande dia (heméra he megale 16,17).

Teologia da história

A escatologia está ancorada na história. O Apocalipse tem como sua matéria específica “aquilo que deve acontecer”, a história entendida em seu conteúdo concreto.

A Igreja purificada discerne a sua hora

A comunidade eclesial, situada no desenvolvimento linear da história da salvação entre o “já” e o “não ainda”, coloca-se logo em um estado de purificação interior, submetendo-se ao “juízo” da palavra de Cristo. Renova-se, tonifica-se interiormente, torna-se apta a perceber (“quem tem ouvido...” 1,7) a voz do Espírito.

Nessa situação interior ela é convidada a subir ao céu (cf. 4,1) e a considerar lá de cima os fatos que lhe dizem respeito desde fora.

Aplicando aos fatos os esquemas de inteligibilidade correspondentes, a Igreja estará em grau de compreender, mediante um tipo de reflexão sapiencial, sua hora em relação às realidades históricas que lhe são similares.

Essa reflexão sapiencial e atualizante é o último passo na hermenêutica do Apocalipse e se realiza no contexto litúrgico da assembleia que escuta e discerne (cf. 1,3; 13,18 etc.).

E esse é o ponto focal, a chave de abóbada do edifício teológico do Apocalipse.

O autor o coloca em relevo com o caráter marcadamente litúrgico que imprime em todo o livro: os elementos litúrgicos mais externos (“em um domingo” [dia do Senhor] 1,10) são levados pelo autor a uma profundidade de experiência litúrgica sem precedentes. A liturgia se desenvolve sobre a terra, mas tem um influxo determinante no céu; constitui a expressão da comunidade eclesial, consciente da presença de Cristo e do Espírito (cf. o “diálogo litúrgico” de 22,6-21).

Em tal situação litúrgica, a Igreja se purifica e discerne a sua hora. Isso significa a possibilidade e a capacidade de uma leitura religiosa, em profundidade, da história simultânea. Esta, por sua vez, se enquadra no grande contexto da escatologia.

De modo mais geral, na ação de purificação, antes de discernimento,

a comunidade eclesial descobre sua identidade com todas as implicações e toma consciência dela; compreende que é animada pelo Espírito Santo, descobre, então, o Cristo no mistério pascal e presente que a purifica, a ilumina, combate e vence com ela; descobre, por meio de Cristo e da sua obra, a imensidade inefável do Deus “santíssimo”, “que domina tudo”, mas que *é, juntamente, Pai de Cristo e nosso Pai.*

- 1,1-20 Prefácio e visão vocacional
- 2,1-3,22 As sete cartas
- 4,1-11 As tentações que precedem a batalha final
- 11,15-22,5 O choque decisivo entre Cristo e Satanás
- 22,6-21 Conclusão

Nesse esquema fundamental, podem-se discernir sete grupos de sete:

- sete cartas: 2-3,22;
- sete visões dos selos: 6,1-8,1;
- sete visões das trombetas: 8,7-11,18;
- sete visões dos sinais: 12,1-14,20;
- sete visões das taças do furor: 16,2-17;
- sete visões sobre a Babilônia: 17,1-19,3;
- sete visões antes do cumprimento: 19,11-22,3

Cada grupo de sete é precedido por uma introdução: 1,9-20; 4,1-11; 8,2-6; 11,19; 15,1-16,1; 16,18-21; 19,6-10.

Essa estrutura geral pode ser especificada pelo esquema detalhado, que evidencia particularmente os sete grupos descritos por A. Lâpple:

Prólogo	1,1-8	
Visão vocacional	1,9-20	
	2,1 3,22	Sete cartas
Visão introdutória	4,1-5,11	

	6,1-14	Abertura de seis selos
Trecho intermediário	7,1-16	
	8,1	Abertura do sétimo selo
Introdução às visões das trombetas	8,2-6	
	8,7-12	Quatro visões de trombetas
Trecho intermediário	8,13	
	9,1-21	Quinta e sexta visões de trombetas
Trecho intermediário	10,1 11,14	
	11,15 18	Sétima visão de trombetas
Introdução aos sete sinais	11,19	
	12,1 14,20	Os sete sinais
Introdução às sete visões das taças do furor	15,1 16,1	
	16,2-17	Sete visões das taças do furor
Introdução às visões sobre a Babilônia	16,18 21	
	17,1 19,5	Sete visões da queda da Babilônia
Introdução às visões de cumprimento	19,6-10	
	19,11 22,5	Sete visões de cumprimento
Conclusão	22,6-21	

Convém ter presente sempre que a linguagem do Apocalipse é simbólica, por isso não se deve atribuir a cada pormenor uma correspondência na realidade: isso seria uma alegoria.

Esquema do Apocalipse

Pelo fato de usar uma linguagem simbólica própria do gênero apocalíptico, numerosos autores apresentaram interpretações completamente disparatadas a seu respeito. A meu ver, a melhor exposição é a de Ugo Vanni, que vou tentar esquematizar aqui.

Mensagem e atualidades do Apocalipse

Como escrito profético que é, o Apocalipse nos proclama a atualidade dos desígnios de Deus e, correlativamente, a urgência do nosso engajamento.

A obra de Deus chegou a seu termo, o Cristo já triunfa e inaugurou o seu reino. Nós estamos vivendo os últimos dias, por isso os homens se repartem em duas categorias irreconciliáveis:

os que reconhecem o Cristo e se associam a seu triunfo;
os que, não o reconhecendo, se opõem a Deus e se votam à condenação.

Quanto à Igreja, ela se associa estreitamente à pessoa e à obra de Cristo:

ela é a comunidade escolhida, objeto do seu amor: 1,5b; 3,9; 7,3-4; 12,6; 19,7-9;

ela foi resgatada por seu sangue: 1,5b; 5,9; 7,14; 14,3-4;

ela é a inauguração do seu Reino: 1,6; 5,10; 7,15; 20,4-6;

como o Cristo, é a Testemunha fiel: 1,5; 3,14; 19,11. A Igreja deve testemunhar: 11,3-6; 12,17; 19,10; 22,9;

como Cristo testemunhou até a morte 1,5; 5,6, também a Igreja deve afrontar o combate e o martírio: 6,9; 7,14; 11,7-10; 12,2.4.11; 16,6; 18,24; 20,4;

como o Cristo é Vencedor e Ressuscitado 1,5.18; 5,5; 12,5; 17,14; 19,11-21, também a Igreja participa já da sua Vitória e Ressurreição: 6,11; 7,16; 11,11-12; 12,11; 17,14; 20,4-6;

como o Cristo é Senhor 1,5.12-16; 19,16, também a Igreja é Reino sacerdotal: 7,9-12; 14,3; 20,4.6.

Essa associação da Igreja ao Cristo requer nela atitudes correspondentes:

Devendo testemunhar, ela deve viver na fidelidade: 1,3; 2,10. 13.26; 3,8; 14,12; 22,7.9.

Sofrendo perseguição, mas antegozando a ressurreição, ela deve exercer a perseverança, forma constante da fidelidade, como o martírio é a forma especialíssima do testemunho: 1,9; 2,2.3.10; 3,10-11; 13,10; 14,12.

Em estado de êxodo, em marcha, a Igreja vive uma tensão cheia de esperança:

“Vem, Senhor Jesus!”: 6,10; 10,7; 11,17s; 12,10-12; 15,3-4; 19,7-9; 20,3-4; 22,17.20.

O Reino de Cristo não é um acontecimento futuro, mas uma realidade presente. O cenário da parusia gloriosa apenas projeta na luz de Deus e na simultaneidade da eternidade aquilo que se realiza hoje, no mistério e na duração da história: a cada momento, em torno de nós e em nós, se exerce o antagonismo irreduzível entre a idolatria da terra e o reconhecimento do único Cristo. A palavra profética nos convida assim a ter em conta a gravidade eterna de cada instante... e, por suas numerosas referências ao simbolismo litúrgico, ela nos convida a viver o culto como um encontro atual com o Cristo, como um apelo a nos configurarmos à Páscoa do Senhor, como uma proclamação e uma espera jubilosa da manifestação da Jerusalém Celeste.

Cenas do Apocalipse

PRÓLOGO: 1,1-3

PARTE 1: 1,4-3,22

Destinatários, doxologia, autoapresentação divina (1,4-8).

Visão inicial: o Vidente e Cristo (1,9-20).

Na ilha de Patmos, em um “domingo”, arrebatado “no espírito”.

Uma voz de trombeta: “escreve”.

Um Filho de Homem entre 7 candelabros.

Pavor do vidente, “não temas”, missão.

As sete cartas, cada uma com 6-7 elementos: a) destinatário; b) Cristo; c) juízo: sei que..., mas... d) exortação e) Espírito, f) promessa.

PARTE II: 4,1-22,5

Visão do Trono (4,1-11).

Porta aberta no céu.

Convite para subir (até o nível de Deus!).

Um *Trono*, e Alguém sentado: um *Kathémenos*.

24 tronos e 24 anciãos, ao redor do Trono.

Diante do Trono: 7 lâmpadas = 7 Espíritos.

O mar transparente, de cristal (.o caos?; cf. 15,2; 21,1).

No meio do Trono e ao redor, 4 *Seres Videntes* (“Animais”) = 4 símbolos da ação de Deus!

O Triságio dos quatro Videntes.

O Louvor dos 24 Anciãos.

O Livro e o Cordeiro (5,1-14).

O *Kathémenos* segura o Livro (da História).

A pergunta do Anjo: quem abrirá?

Entre o Trono, os Videntes e os Anciãos, um Cordeiro imolado, de pé (= Cristo Ressuscitado) que vem receber o Livro.

Tríplice louvor: dos Anciãos e dos Santos; dos Anjos; de todas as criaturas.

Os 4 *primeiros Selos* (6,1-8): o sentido da história de Israel.

O *Cordeiro* rompe um Selo, um *Vivente* chama (“Vem”. cf. 22,17), aparecem quatro cavalos:

branco - vencedor

vermelho - guerra

negro - fome

esverdeado - peste

O 5º Selo (6,9-11) = sob o altar, o clamor (das almas) dos mártires.

O 6º Selo (6,12-17) = o terremoto e as convulsões do Dia da ira.

Elementos, categorias de pessoas e marcação prévia dos eleitos (7,1-16).

Os 4 anjos dos 4 ventos detêm-nos...

O Anjo do Oriente que anuncia a marcação (cf. Ez 9,4)...

Os 144 mil.

O triunfo dos eleitos (7,9-16), isto é, os mártires. v. 14.

A multidão incontável e o seu louvor.

O louvor dos Anjos.

Diálogo entre um Ancião e o Vidente sobre os vencedores.

Seção das Trombetas (8 a 11).

As orações dos Santos apressam o Dia: 8,1-5.

As 4 primeiras Trombetas - 4 pragas (8,6-13):

granizo

erupção

meteoro

trevas

5a trombeta e 1º “Ai” (9,1-12): os gafanhotos.

6a trombeta e 2º “Ai” (9,13-21): os cavaleiros.

O Anjo cósmico com o livrinho (do Evangelho?): 10,1-7.

O livrinho dado ao Vidente com a missão de “profetizar ainda”:
10,8-11.

Medição do Templo: 11,1-2.

As duas Testemunhas: 11,3-13.

7a trombeta e anúncio do 3º “Ai” (11,14-19).

Hino dos 24 Anciãos.

Abre-se o Templo do Céu.

Seção dos “Sinais” (12-16).

a Mulher 12,1

Dragão 12,3

as 7 Taças 15,1.5-7

A Mulher e o Dragão: 12,1-6.13-17 (batalha entre Miguel e o Dragão 12,7-12).

A Besta que sobe do mar: 13,1-10.

A “outra Besta” que sai da terra, o “falso profeta” 13,11-18.

NB: o número da Besta: 13,18.

Os resgatados do Cordeiro: 14,1-5.

Os 6 Anjos que anunciam o julgamento: 14,6-20 (a ceifa e a vindima das nações: vv.14-20).

O cântico de Moisés e do Cordeiro, entoado pelos vencedores após a travessia do mar: 15,2-4.

As 7 pragas das 7 Taças: 15,1.5 - 16,20 úlcera, mar de sangue, rios de sangue, mar abrasador, trevas, seca do Eufrates e reunião dos reis no Harmagedon, terremoto e granizo.

Seção do “Grande Dia” (17-22,5).

condenação da Prostituta: cap. 17-20.

Descrição da grande Prostituta (+ a Besta): cap 17.

Anúncio da queda de Babilônia: 18,1-3.

O povo de Deus deve fugir: 18,4-8.

Lamentações sobre Babilônia: 18,9-19.

Novo anúncio da queda: 18,20-24.

Cantos de triunfo no céu: 19,1-8.

Anúncio das Bodas do Cordeiro: 19,7-9.

Primeiro combate escatológico: 19,11-21 (fim da Besta e do pseudoprofeta -

o Cavaleiro vencedor: 19,11-16).

O reino de Mil anos: 20,1-6.

Segundo combate escatológico: 20,7-10 (fim do Diabo).

Julgamento universal: 20,11-15 (fim da Morte).

trunfo da Esposa: cap. 21-22.

O novo céu e a nova terra: 21,1-8.

Descrição da nova Jerusalém, a Esposa do Cordeiro: 21,9-27.

O novo Paraíso: 22,1-5.

EPÍLOGO: 22,6-21

Cristo, o Vidente e o Anjo (advertências finais): 22,6-15.

Cristo, o Espírito e a Esposa (conclusão): 22,16-21.

Síntese

1,1-3	PRÓLOGO
1,4-3,22	Setenário das CARTAS
4-5	O Trono. O Livro. O Cordeiro
4,1-22,5	Sete Setenários
6-7	Sete Selos
8-11	Trombetas
12-16	Sinais e Taças
22,6-21	EPÍLOGO
17-22	Fim

Conclusão

Os cristãos podem e devem reler as páginas do Apocalipse e reencontrar nelas as palavras que são a “figura” de Cristo e de sua presença. Essa lectio divina pode oferecer fundamentos sólidos para a reflexão, a conversão

e o projeto de uma nova vida com Cristo e para Cristo.

O Apocalipse afirma que o Cordeiro que foi morto é o Senhor da Igreja. Assegura-nos que o Senhor está com a Igreja. Somos chamados a aceitar aquilo que o Senhor diz à Igreja.

Além disso, foi-nos transmitida a oração: “Marana tha - Senhor, vinde!” (Ap 22,20), com tudo o que essa prece contém em si.

Vamos ao encontro do Senhor Ressuscitado. Nossa caminhada desemboca na Eternidade. “Sim. Virei brevemente”.

Marana tha. É o anelo ardente pela volta do Ressuscitado. Mas também é a promessa de uma vinda mais plena do Cristo na sua Igreja, no nosso mundo que se sente tão vazio dele.

“Sim, virei brevemente”. Essa promessa de Cristo enche de esperança e de alegria o novo milênio que já chegou. “Vemos já um novo céu e uma nova terra.” (21,1)

Amém! Vem, Senhor Jesus!

Todo esse estudo se baseia nas obras do maior especialista do Apocalipse, Pe. Ugo Vanni: *La struttura litteraria dell'Apocalisse*, 1971; *Apocalisse*, 1979; e sobretudo em suas apostilas e notas de aula.

ESTUDO DO LIVRO DO APOCALIPSE



Introdução (Ap 3). A palavra grega apokalipsis se traduz para o latim como revelatio, em nossa língua “revelação”. Com estes dois nomes [Apocalipse e Revelação] é conhecido o último livro do NT. O estilo apocalíptico compreendia uma maneira de pensar, de escrever e de interpretar os acontecimentos da história, em um período em que os crentes estavam ameaçados pelos poderes do mal, no meio de perseguições e tribulações. O autor do Apocalipse quer animar e fortalecer a fé de seus leitores porque Deus tem a seu cuidado a história, e os poderes do mal não podem prevalecer contra sua Igreja. O imenso poder do Império Romano - perseguidor da Igreja - vai ruir como ruíram no passado os inimigos do povo de Deus. Esse João é constituído testemunha de tudo o que viu e ouviu: visões e anúncios. Desde o princípio afirma solenemente que seu escrito é “Palavra de Deus”, isto é, profecia e testemunho de Jesus Cristo. Com o mesmo tema fechará o livro (22,20).

Mensagem às sete Igrejas: saudação (Ap 8). O livro começa e acaba como se fosse uma carta; considera-se como uma profecia, embora na realidade visasse ao presente da Igreja perseguida muito mais que a um futuro distante. Os títulos que se dão a Jesus nesta introdução apresentam-no como o glorioso vencedor da morte que assegura o triunfo dos cristãos perseguidos. Jesus é o Alfa e o Ômega - a primeira

e a última letra do alfabeto grego - porque abrange tudo. Nada escapa à sua ação e poder.

Visão de Jesus Cristo (Ap 20). Esta visão serve de introdução a todo o livro. Jesus é o Senhor da glória e da história, como aparecerá em cada capítulo. A grandeza de Cristo é descrita com alusões ao Êxodo (Ex 19,16) e a Daniel (Dn 7,13s). Jesus é o Messias sacerdotal - túnica -, com a franja ou cinturão real (v.13); é sábio e eterno - cabelos brancos -, juiz - olhar penetrante, espada -, estável e seguro - firmeza nos pés -, que tem em suas mãos a sorte dos povos - sete estrelas. Jesus está no meio de sua comunidade, as Igrejas, representadas pelos sete candelabros que nos recordam a menorah ou grande candelabro de sete braços usado na liturgia judaica.

Mensagem às sete Igrejas: conteúdo (Ap 2,1-3,22). As sete Igrejas não são especiais nem simbólicas. Eram as Igrejas pelas quais o autor se sentia responsável. As sete situavam-se ao longo da via romana que as comunicava entre si. Não eram únicas; seus problemas eram os mesmos das outras muitas igrejas. Cada carta é um chamado à conversão. O número pode indicar que são Igrejas que representam a Igreja universal, com suas virtudes e defeitos no meio dos desafios criados pela religião imperial.

As Igrejas de Éfeso, Pérgamo e Tiatira achavam-se em confronto com os nicolaítas, que provavelmente eram um grupo de cristãos que buscava se adaptar às normas sociais e religiosas do império, com um relaxamento de costumes que ia contra o espírito cristão (2,1-14).

Éfeso era uma cidade famosa por seus ritos religiosos em homenagem à deusa Ártemis, cujo templo era uma das maravilhas do mundo antigo (At 19,23-40). Com seus trezentos mil habitantes, Éfeso era a “luz da Ásia”, grande centro comercial e religioso; uma tradição temporã associou-a com o apóstolo João.

Esmirna, que se gloriava de sua fidelidade a Roma, havia recebido muitos judeus que tinham sobrevivido à destruição de Jerusalém pelos romanos; esses judeus haviam se convertido em inimigos dos cristãos que formavam o novo Israel de Deus.

Pérgamo, residência do governador romano que promovia o culto ao imperador, tinha uma florescente indústria de pergaminhos, com uma grande biblioteca e centro cultural.

Tiatira tinha uma nova Jezabel; como a esposa malvada do rei Acab que foi inimiga pessoal do profeta Elias e levou o povo à idolatria, tentava os cristãos a aceitarem os ritos religiosos pagãos, uma verdadeira prostituição religiosa.

Sardes encontrava-se em uma situação de coma espiritual. Seus habitantes tinham fama de comodistas e luxuriosos. Duas vezes havia caído nas mãos de seus inimigos por falta de vigilância. Tinha uma florescente indústria de lã branca, à qual parece referir-se o texto da carta.

Laodiceia tinha uma florescente escola de medicina e farmácia para o tratamento dos olhos; sua fama havia chegado até Roma. A cidade se considerava autossuficiente (3,17). Laodiceia recebia águas procedentes de fontes termais de Hierápolis, a seis quilômetros de distância; as águas chegavam já mornas. O “amém” inspira-se em Is 65,16 e talvez em 2Cor 1,20; diz o categórico e definitivo, sem mistura ambígua de sim e não. O amém categórico opõe-se frontalmente à mistura e confusão de quente e frio, os conchavos de paganismo e cristianismo (cf. 2Cor 6,14-16), que provocam a náusea de Deus (cf. Jr 14,19).

Liturgia celeste (Ap 4,1-11). Com símbolos poéticos tomados das profecias de Isaías e Ezequiel apresenta-se o mistério de Deus que é grandeza, firmeza, estabilidade, tranquilidade e clareza. O autor parece ter em mente a corte imperial - romana ou persa -, com o senado e

conselheiros que acompanhavam o imperador como parte de seu séquito. Os romanos costumavam saudar o imperador proclamando-o digno, senhor e deus de seu povo. O cristão só pode aclamar desse modo o único Deus do céu e da terra. Deus não vive isolado em sua glória. O céu é vida, luz, louvor e adoração; é como um espetáculo de luz e som que agrada os santos por toda a eternidade.

O Cordeiro e o rolo (Ap 5,1-14). O cordeiro é uma figura bíblica com múltiplos simbolismos. É a vítima pascal da libertação do povo; é o cordeiro sacrificado pelo pecado (Jo 1,29), o leão de Judá e a raiz de Davi, que triunfa sobre as forças do mal. Os sete cornos e os sete olhos indicam que a plenitude do poder e do conhecimento pertencem a Cristo glorificado (Mt 28,16-20). Os sete atributos do Cordeiro pertencem a Deus no AT. Os imperadores romanos pretendiam atribuir a si mesmos essas perfeições. O rolo que só o Cordeiro pode abrir e ler contém os segredos da história que Jesus tem em sua mão (1,16). O Império Romano podia dominar e matar; só Jesus pode libertar e dar a vida.

Os selos (Ap 6,1-17). Os selos eram usados na antiguidade para identificar a propriedade, para dar validade aos documentos e para proteger coisas preciosas ou secretas. O livro selado é propriedade exclusiva de Deus e contém os grandes segredos de seu plano salvífico. O rolo vai se desdobrando gradualmente, revelando seu conteúdo, não para satisfazer a curiosidade humana, mas sim para cumprir os planos de Deus. Os selos recordam aos cristãos que as calamidades da história e da natureza devem servir para despertar as consciências diante da caducidade do humano. Os quatro cavalos do Apocalipse, inspirados em Zc 1,8-11 e 6,1-8, foram muito populares nos tempos de guerra, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial. Guerra, sangue, fome, peste e morte seguem se confraternizando. Em cada período da história voltam a cavalgar os

quatro cavaleiros criados pela perversão e pelo egoísmo humano. Os últimos selos voltam a recordar que o poder de Deus está na base de tudo o que acontece. As orações dos santos condicionam o que sucede na terra. Diante das calamidades, os maus endurecem e se assustam; os crentes vivem confiantes em uma expectativa gloriosa porque sabem que Deus dirige a história e cuidará dos seus.

Os que se salvam (Ap 7,1-16). Quando se destrói a natureza acaba-se a humanidade. Antes que seja destruída pelos anjos, deve-se selar e identificar os servos de Deus; 144 mil é o número perfeito (12 x 12 x 1000). É o número dos escolhidos do Novo Israel, muito mais numeroso que o Israel antigo das doze tribos. Além do mais, Deus aceita todos os povos, raças e línguas, uma multidão imensa e incontável, para seu serviço. Os mártires são os membros mais destacados do novo Povo de Deus; compartilharam já a morte e o sacrifício de Jesus e por isso reinam com ele na glória.

O sétimo selo e o turíbulo (Ap 8,1-6). O sétimo selo abre a porta para a revelação das sete trombetas. As fontes bíblicas falam de sete anjos especiais que estão na presença de Deus (Tb 12,15) que revelam as ações especiais de Deus; Miguel, Gabriel e Rafael são bem conhecidos pela Bíblia; Uriel, Raguel, Sariel e Remiel aparecem nos livros apócrifos. Estes anjos são intermediários das orações dos santos e da resposta de Deus para seus eleitos.

As sete trombetas (Ap 8,7-9,21). A trombeta era o instrumento musical cujo som chegava mais longe; ninguém podia ignorá-lo. A trombeta tocava como sinal de alarme, para reunir o povo; anunciava as festas e os triunfos do povo; nas batalhas dirigia o curso dos combates. Logo se transformou em instrumento escatológico tradicional (1Ts 4,16); as trombetas do Apocalipse são chamados prementes e alarmantes

para a conversão porque o fim está próximo. As pragas provocadas pelas trombetas recordam as pragas do Egito (Ex 7-10). Os objetos relacionados com as trombetas recordam os elementos empregados na liturgia do templo de Jerusalém: trombetas, carvões, taças, perfumes e o altar. Toda a natureza é como um grande templo de Deus. As pragas contêm alusões a fenômenos naturais e acontecimentos históricos da época do autor. Estão descritas em estilo poético e épico para estimular os leitores à conversão.

Os fenômenos naturais e as catástrofes da história são sinais dos tempos, sinais divinos da limitação do humano. Jesus proclamou que a chuva não é só um fenômeno natural; é um dom divino do Pai sobre justos e pecadores (Mt 5,45). Como os sete selos, as trombetas estão dispostas em duas séries de 4 + 3. As três primeiras, como os selos, estão intimamente relacionadas entre si e não afetam as pessoas, mas sim os lugares onde essas pessoas vivem e trabalham; são pragas parciais porque ainda resta tempo e espaço para a conversão.

As duas últimas pragas recordam as invasões dos partos que já antes haviam derrotado as legiões romanas e tomado Jerusalém; eram um sinal da caducidade do Império Romano. No final constata-se que o poder de Deus pode vencer tudo, menos o endurecimento voluntário das pessoas.

O pequeno livro (Ap 10,1-11). Como o profeta Ezequiel (Ez 3,1-3), o autor apresenta sua missão profética de estimular o bem e denunciar o mal. Antes de se pôr a falar, o profeta deve comer e digerir livros. Esse livrinho que contém o Evangelho de Jesus está aberto, não encerra segredos, e contém uma mensagem agridoce. O chamado de Deus e o anúncio de salvação são doces, mas as denúncias e as resistências que o profeta encontrará podem enchê-lo de amargura. As confissões do profeta Jeremias dão testemunho disso (Jr 20,7-18). O mundo resistirá

a crer na mensagem de Jesus e se voltará contra os mensageiros.

As duas testemunhas (Ap 11,1-14). A medida do templo é sinal da proteção divina da qual goza o lugar sagrado (Ez 40-43; Zc 2,5-9). As duas testemunhas têm os traços de várias figuras bíblicas: como Moisés, transformam a água em sangue (Ex 7,14-25); como Elias, fazem descer fogo do céu (2Rs 1,9-16); como Zorobabel e Josué (Zc 4), são duas testemunhas e ungidos que representam a missão sacerdotal e régia da Igreja; como Elias e Henoc, são dois personagens que se acreditava terem subido ao céu sem morrer, pelo que se esperava que voltariam no fim dos tempos e sofreriam a morte. Existem os que veem nas duas testemunhas uma referência aos apóstolos Pedro e Paulo, cuja pregação havia ressoado por todo o império, os quais já haviam compartilhado a morte e o triunfo de Cristo.

A sétima trombeta (Ap 11,15-19). A sétima trombeta, no centro do Apocalipse, anuncia a chegada do Reino de Deus, com uma mensagem paralela que encontramos na paixão do evangelho de João (Jo 18,13-19,15). O reino chega com a revelação de Jesus como rei e senhor da criação. O santuário e templo de Deus, a nova “arca da aliança”, na qual reside a glória de Deus, de agora em diante se encontra em Jesus.

A mulher e o dragão (Ap 12,1-18). Muitos católicos quiseram ver nesta mulher simbólica a Virgem Maria, a Mãe do Messias, vestida com o sol como Virgem de Guadalupe. O texto sugere antes que a mulher pode ser a sinagoga judaica da qual nascem Jesus e sua mensagem. É mais provável que a mulher seja uma imagem da Igreja que dá vida a Jesus e que tem muitos outros filhos que sofrem a sorte de Jesus e são perseguidos pelo dragão. O dragão representa as forças do mal, encarnadas no Império Romano com seu imenso poder. A morte de Jesus no Calvário foi um momento decisivo da luta entre o bem e o mal. Ali, o

Príncipe deste mundo foi lançado abaixo (Jo 18,6; 12,31s) e realizou-se o julgamento definitivo. Jesus, levantado na cruz, foi exaltado ao céu (Fl 2,8-10). A luta decidiu-se no Calvário, mas ainda restam batalhas individuais e coletivas pelas quais a Igreja deve passar até conseguir a vitória contra os poderes do mal.

As duas feras (Ap 13,1-18). O dragão começa a atuar mediante seus agentes delegados: são poderes políticos absolutos, com suas ideologias, divinizados, empenhados em impor sua soberania como rivais de Deus. São figuras emblemáticas. Alguns exibem ferimentos misteriosamente curados, isto é, derrotas amplamente compensadas; outros realizam obras portentosas, convincentes (Dt 13,2); proclamam infundir vida no inerte, como demiurgos copiando Deus (Gn 2,7). Sua blasfêmia consiste em apresentar-se como deuses (Ez 28,9; Is 48,8.10). Mas os cristãos, “registrados no livro da vida” especial, o de um morto que está vivo, resistirão com sua “fé perseverante”.

A primeira fera que vem do mar refere-se ao poder de Roma, cujos decretos e leis eram trazidos em barcos para a ilha de Patmos e para toda a região próxima; essas leis impunham o culto blasfemo ao imperador que dedicava a si mesmo tributos divinos. Diante do perigo de perseguição, o cristão tinha de estar disposto a ir para o cárcere e a morte sem hesitação (v.10). A segunda fera parece referir-se ao governador romano e a um sacerdote - os dois cornos -, agentes do império, que obrigavam os habitantes a adorar o imperador recorrendo a todo gênero de estratagemas (cf. At 8,9s). No fim do século I e início do II na região das sete Igrejas do Apocalipse, chegou-se a exigir dos habitantes a apresentação de uma cédula que provava que haviam participado dos sacrifícios ao imperador. As cédulas chegaram a fazer, por algum tempo, parte da vida social e religiosa do povo.

O número 666 é a soma dos valores das letras do nome (Nero César). Para os romanos, cada letra do alfabeto tinha um valor numérico. O número 6, um menos que 7, é número de imperfeição; a tríplice repetição é a forma do superlativo hebraico: “santo, santo, santo”, três vezes, equivale a “santíssimo”; a besta é totalmente imperfeita, destinada ao fracasso. O leitor é convidado a pensar e a adivinhar essa mensagem consoladora do autor (v.18).

Os salvos (Ap 14,1-5). A visão do Cordeiro com os escolhidos no Monte Sião recorda a descrição da comunidade cristã na Carta aos Hebreus (Hb 12,22-24). Os 144 mil são os membros do novo Israel de Deus (12 x 12 x 1000), uma multidão imensa. A idolatria é vista na Bíblia como uma infidelidade à relação matrimonial que o povo tem com seu Deus. Esses 144 mil são os fiéis cristãos que permaneceram fiéis a Cristo sem adorar os ídolos. No Apocalipse, todo mundo recebe um selo, os que adoram a besta recebem sua imagem em suas mãos; os eleitos recebem um sinal do Cordeiro, a cruz, em suas frentes.

A hora do juízo (Ap 14,6-20). Os poderes do mal, com o dragão, foram derrotados no confronto com Miguel e os anjos (12,7-12). Os cristãos não se deixam assustar pelas bestas (13,16s; 14,9s). Uma vez mais, no versículo 12, como o fez anteriormente (13,9.18), o autor pensa em algo que os leitores podem ver que está acontecendo. A fidelidade a Cristo pode passar pelo martírio (vv.12s). A ceifa e a vindima são imagens tradicionais do juízo (Mc 4,29).

As sete últimas chagas (Ap 15,1-8). Sucede um novo setenário de pragas, que em certo modo repete e renova os sete selos e as sete trombetas. Só que é o último setenário, no qual se está consumando o juízo.

Os eleitos, como povo redimido do Egito depois de cruzar o mar

Vermelho, estão junto de um mar de cristal e de fogo; cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro, com um texto tomado de vários salmos. Enquanto os eleitos cantam, o mundo deve preparar-se para receber o pagamento de suas injustiças.

As taças da ira (Ap 16,1-21). As taças, como antes os selos, são os últimos chamados urgentes à penitência e à conversão. As pragas das taças não têm limitações de quantidade ou espaço, e afetam todo o universo; sua finalidade é tirar os obstáculos para o estabelecimento do reinado de Deus.

Todas elas são uma reinterpretação escatológica das pragas do Egito de Ex 7-10. As quatro primeiras pragas afetam os elementos principais da natureza e da criação: terra, mar, água potável e sol; as três últimas pragas contêm alusões a fatos históricos e políticos que estavam acontecendo ou que se esperava que fossem acontecer logo. A sétima praga das três séries é idêntica: visa ao futuro (8,1-5; 11,15-19; 16,17-21).

Desde os dias do Êxodo, o povo oprimido vê um poder libertador nas calamidades da história; depois delas se espera um futuro de liberdade e felicidade. Os maus que não têm nada a esperar desesperaram; o que devia lhes servir de remédio se lhes transforma em castigo. Har-Maggedon (v.16) é literalmente o Monte de Magedo; era uma cidade fortificada do norte de Israel próxima do Monte Carmelo, que guardava a entrada da fértil planície de Esdrelon. Por sua localização estratégica transformou-se em campo de batalha obrigatório e em lugar de desastres históricos (2Rs 9,27; 23,29; Zc 12,11). Os maus sofrerão um desastre definitivo.

Julgamento da grande prostituta (Ap 17,1-18). Por sua abertura à idolatria, o Império Romano era a grande prostituta religiosa que tudo contaminava. Os romanos acreditavam serem os salvadores do mundo. Para o autor do Apocalipse eram os opressores e seus perversos.

Roma, cabeça e encarnação do império, era conhecida como a cidade das sete colinas (v.9), e gozava de um poderio imenso. Os sete reis parecem ser os sete primeiros imperadores: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano e Tito; o oitavo, que se diz que é um dos sete, designa o imperador Domiciano, um novo Nero que perseguiu os cristãos com grande crueldade.

O autor escreve nos tempos de Domiciano, mas aparenta viver em tempos de Vespasiano, o sexto imperador; assim pode anunciar a brevidade do reinado de Tito - dois anos -, e dar mais credibilidade às suas predições. Algo semelhante fez o autor do livro de Daniel aparentando viver durante o cativeiro de Babilônia. No Apocalipse, o autor anuncia com segurança a queda do poderoso Império Romano porque sabe pela história bíblica que os poderes e os impérios que oprimem o povo de Deus acabam se arruinando.

Queda de Babilônia (Ap 18,1-19,4). O anúncio da queda de Roma e do final das perseguições está narrado em estilo épico. As portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja. O autor canta a queda de Roma com uma lamentação semelhante às que se usavam nas tragédias gregas da antiguidade; os amigos de Roma - reis, príncipes, comerciantes, ricos, pilotos, navegantes e marinheiros -, cada qual por sua vez, pronunciam uma estrofe de lamentação. Roma permanecerá como a Jerusalém destruída cantada nas Lamentações de Jeremias (Jr 25,10). O Apocalipse contrasta o pranto dos ricos e poderosos com a alegria dos pobres, santos, apóstolos e profetas. Os cristãos com sua oração podem acelerar a queda dos poderes do mal.

As bodas do Cordeiro (Ap 19,5-10). Uma vez mais se anuncia o estabelecimento do Reino de Deus como uma realidade na história (11,17; 19,5). O símbolo matrimonial do Senhor com Jerusalém (comunidade) é

frequente no AT. Dois textos nos interessam de maneira especial porque cantam as bodas do casamento de um rei vencedor: Is 62,1-9 e Sl 44: este é o esquema que o autor do Apocalipse segue. Mt 22,1 propõe a parábola “um rei celebrava as bodas de seu filho”; Lc 15,1 chama bem-aventurados os convidados ao banquete do reino. Na Igreja, todos são convidados à alegria porque fazem parte do cortejo das bodas de Jesus, o Cordeiro de Deus.

O cavaleiro vitorioso (Ap 19,11-21). Deixando pendente a celebração das bodas, passa a descrever a guerra da qual só nos apresenta o exército vencedor e as consequências da derrota. A guerra desse parágrafo é transposição metafórica com a qual o autor quer conjurar a violência da perseguição e a certeza da vitória. Essa colossal batalha de valores e projetos, travada no mais profundo dos homens e sociedades, no cenário da história, torna na superfície poética a figura de uma vitória militar.

A vitória de Cristo ao longo e no final da história está assegurada; os poderes do mal serão eliminados. O cavaleiro é descrito em detalhes que fazem ressaltar o poder e a glória do Cristo triunfante. Descrevem-se primeiro suas qualidades internas (v.11) e depois sua figura exterior (vv.12-16). O nome que ele só conhece (v.12) é o nome sobre todo nome (Fl 2,9). É o rei dos reis e Senhor dos senhores, com um título cujas letras somam 777, o número perfeito que proclama a grandeza de Cristo a todas as nações. Em sua primeira vinda, Jesus chegou como incógnito, quase como um estrangeiro sem documentos, fraco e humilde; poucos o reconheceram e nele acreditaram. Sua segunda vinda, que na teologia joanina continua acontecendo no longo da história, não pode ser ignorada. Cristo é o vencedor do pecado e da morte que assegura o triunfo dos que colocam nele sua fé.

O milênio (Ap 20,1-10). Agora toca no principal responsável, o dragão

com seus diversos nomes ou títulos. Mas aqui o autor realiza uma difícil operação, separando em segmentos temporais o que nós separaríamos em planos espaciais ou em “dimensões”. O autor diz que, durante mil anos, o dragão estará acorrentado e que depois terá liberdade de ação por um tempo (segmentos temporais simbólicos); nós diríamos que em um plano é impotente e em outro plano é poderoso. Qualquer tentativa de milenarismo, que procure interpretar os mil anos como um período concreto da história, fica imediatamente sem apoio.

Os fiéis perseguidos e martirizados pelas forças do mal sonham com o dia no qual o poder de Deus se manifeste reprimindo as forças do mal. O império perseguidor e as forças do mal simbolizadas em Og e Magog, depois de um breve tempo, acabarão na ruína. A Igreja perseguida terá uma ressurreição e vida nova, gozando da paz de Deus por um tempo ilimitado.

O juízo (Ap 20,11-15). Os textos bíblicos que falam do juízo final ou do julgamento das nações inimigas do povo de Deus estão escritos em estilo apocalíptico, com símbolos tomados dos profetas e do êxodo. Os inimigos do povo de Deus terão de dar conta de suas obras. O juízo de Deus se refere tradicionalmente à derrota das nações pagãs inimigas do povo escolhido; a história está repleta dos juízos de Deus. O juízo final já foi anunciando em 14,14-20 sob a dupla imagem da ceifa e da vindima. Aqui, o juízo é o triunfo definitivo de Cristo e dos cristãos, a vitória aberta do bem sem que os maus possam impedi-lo. O julgamento de Deus é a impotência do mal. O juízo final de Mt 25,31-46 deve se interpretar como uma parábola de prêmio para quem aceita e de castigo para os que se negam a aceitar as exigências do Reino de Deus.

Novo céu e nova terra (Ap 21,1-8). Diante da malvada Babilônia, Deus faz uma nova criação, uma nova humanidade, congregada em sua

Igreja. Suas origens são divinas. A Nova Jerusalém é apresentada neste texto em seu aspecto exterior, como uma noiva enfeitada, uma virgem fiel, o contrário da grande prostituta romana do Capítulo 17. Está se dando uma nova criação que traz à memória o capítulo 1 do Gênesis: criou-se o mundo novo que Deus quer que exista. Os pecadores ficam excluídos desse novo mundo, mas terão sempre a porta aberta para crer e converter-se nos novos filhos de Deus, o Israel de Deus.

A Nova Jerusalém (Ap 21,9-22,5). Uma vez mais apresenta a noiva e esposa do Cordeiro com seus adornos. A Cidade Santa tem figura de cubo de dois quilômetros de lado, por ser essa uma figura geométrica perfeita. A muralha de 72 metros de altura parece desproporcionada, pelas dimensões da cidade. Por estar protegida por Deus, não necessita de defesas humanas; a muralha serve mais como adorno. Esta é a Cidade de Deus edificada sobre os Doze apóstolos de Jesus. Cada porta é feita de uma só pérola (21,21). São portas de pérolas. Tudo o que tem de melhor, mais precioso e belo passa a fazer parte dela. Dentro dessa cidade encontra-se um novo paraíso com árvores da vida que asseguram uma vida eterna para seus moradores (22,2). Suas portas estão sempre abertas para todo aquele que queira aceitar a salvação de Deus pela fé em Jesus (21,25-27).

Vinda de Cristo (Ap 22,6-21). Separando a saudação final, dirigida aos destinatários do livro (1,3), o que resta se apresenta como um trançado de dois temas, para nós desconcertante.

Um tema secundário refere-se ao caráter do livro e a como deve ser tratado: ficaria bem como apêndice antes da saudação final. O outro tema é de suma importância e se refere à parusia ou vinda de Jesus Cristo. É a mensagem final da esperança, em chave de amor e de saudade.

Jesus veio e continua vindo. Jesus falou e continua nos falando.

A cada cristão cumpre escutar sua voz e recebê-lo em sua vida. No meio das angústias do mundo, o cristão deverá desejar sempre a nova vinda de Jesus. Marana-Tha, vem, Senhor (17; 1Cor 16,22), deve ser a oração contínua do cristão; é uma oração de fé e otimismo que deve entusiasamá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.